

CADERNOS DO IL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Nº 4 NOVEMBRO 1990

Segundo um apontamento de Pessoa, a literatura dramática é uma sub-espécie de literatura narrativa, e esta, uma espécie do gênero literatura. A literatura é a expressão verbal; a literatura dramática, a forma maximamente objetiva - ou seja, a forma sintética - dessa expressão objetiva. Um drama não é mais que um romance na sua forma máxima de síntese possível. É por atingir esta objetividade máxima que ele pode receber a aparência de vida, isto é, que ele pode estar simulando num palco por pessoas a que se chama atores (1).

Depreendemos, daí, que o autor via o fenômeno teatro apenas por um lado literário, sem encarar a peça teatral desde o ponto de vista do responsável pela encenação, que deve atender a muitos outros aspectos do espetáculo, sem o quê, há o perigo de não se realizar teatro.

"O Marinheiro" foi classificado pelo próprio autor como "drama estático", como podemos constatar em uma carta dirigida a Cortes Rodrigues, datada de 4 de março de 1915, na qual Fernando Pessoa dizia:

"O meu drama estático "O marinheiro" está bastante alterado e aperfeiçoado; a forma que você conhece é apenas a primeira e rudimentar. O final, especificamente, está muito melhor. Não ficou talvez, uma cousa grande, como eu entendo as cousas grandes, mas não é cousa de que me envergonhe, nem - creio - me venha a envergonhar" (2).

E Pessoa abre o seu drama estático em um quadro, que apareceu em ORPHEU n.º 1 (janeiro-fevereiro-março de 1915), com a seguinte descrição:

Prof. Assistente na área de Língua Portuguesa do IL - UFRGS

Um quarto que é sem dúvida num castelo antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma essa, um caixão com uma donzela, de branco. Quatro tochas aos cantos. À direita, quase em frente a quem imagina o quarto, há uma única janela, alta e estreita, dando para onde só se vê, entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janela velam três donzelas. A primeira está sentada em frente à janela, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janela.

É noite e há como que um resto vago de luar (3).

Como podemos observar, um ambiente devidamente preparado para a não-realização de drama algum, afirmação esta reforçada pelo fato de as três donzelas, sem nome, sentadas, estáticas, vão permanecer nesta postura até o fim da peça.

Mas, então, em termos de movimento, ação, -drama-, o que ocorre nesta peça?

Nada. Simples e aparentemente nada.

E, se ainda considerarmos a opinião de Emil Staiger, em seu livro Conceitos Fundamentais da Poética, que "herói passivo não é herói dramático", estaríamos então diante de um antidrama.

No entanto, ao aceitarmos todas essas ponderações, poderíamos incorrer, segundo o nosso juízo, numa falácia por generalização apressada. E por quê?

Porque, como sabemos, o gênero dramático abriga essencialmente o elemento ação. Como é, pois, possível um "drama estático"? Como conciliar esta antinomia intelectual, etimológica e ideológica entre os termos "drama" (ação) e "estático" (inação)?

É que, na nossa opinião, embora praticamente inexista ação - daí a "estaticidade" - o drama, em "O Marinheiro", se transubstancia e se corporifica em verdadeira estética da reflexão, em contraposição à estética da movimentação.

É o que parece confirmar o Prof. Lothar Hessel, quando escreve:

É ação, teatralidade? Em escassa dose. Dramaticidade, no sentido de intensidade conflitual, de tensões espirituais, essa sim, existe e não pouca (4).

De fato, em "O Marinheiro" encontramos profunda reflexão sobre a capacidade humana de sonhar. Sonhar sobre o mistério, a dúvida, a existência, a abolição de linha cronológica imposta aos seres humanos, a inutilidade do falar e do agir, a sensação de um processo de meiose espiritual contínuo e permanente, onipresente na vida e na poesia de Pessoa e, aqui, transmitido à Segunda veladora:

Quando falo demais, começo a separar-me de mim e a ouvir-me falar.

Realmente toda a peça está saturada de sonho.

As três donzelas sonham; o Marinheiro - que não aparece em cena - até ele é sonhado pela Segunda veladora como um tipo sonhador. Enfim, tudo é sonho, do começo ao fim.

Senão vejamos alguns exemplos do texto pessoano em questão:

Não, não vos levanteis. Isto seria um gesto, e cada gesto interrompe um sonho. (grifo nosso)...

Neste momento e não tinha sonho nenhum, é-me suave pensar que podia estar tendo...

Como a luz os sonhos adormecem... O passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é sonho...

A beira-mar somos tristes quando sonhamos...

Quereis que vos conte o que eu sonhava à beira-mar?

Contai-nos agora o que foi que sonhastes à beira-mar.

Sonhava um marinheiro que se houvesse perdido numa ilha longínqua.

Ele pôs-se a sonhar uma pátria que nunca tivesse tido.

Cada hora ele construía em sonho esta falsa pátria, e ele nunca deixava de sonhar...

Meu coração dói-me de não ter sido vós quando sonháveis à beira-mar...

durante anos e anos, dia a dia, o marinheiro erguia um sonho contínuo a sua nova terra natal... Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edifício impossível...

Toda a hora é materna para os sonhos, mas é preciso não o saber...

O dia nunca raia para quem encosta a cabeça no seio das horas sonhadas...

O marinheiro. O que sonhava o marinheiro?...

Um dia, que chovera muito, e o horizonte estava mais incerto, o marinheiro cansou-se de sonhar...

Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara...

E da vida que lhe parecia ter sonhado, tudo era real e tinha sido...

Será absolutamente necessário, mesmo dentro do vosso sonho, que tenha havido esse marinheiro essa ilha?...

Ao menos, como acabou o sonho?

Não acabou... Não sei... Nenhum sonho acaba... Sei eu ao certo se o não continuo sonhando, se o não sonho sem o saber, se o sonhá-lo não é esta coisa vaga a que eu chamo a minha vida?...

De eterno a belo há apenas o sonho...

Aquela que finge estar ali era bela, e nova como nós, e sonhava também... Ela de que sonharia?...

Falai mais baixo. Ela escuta-nos talvez, e já sabe para que servem os sonhos...

Dizei-me uma coisa ainda... Por que não será a única coisa real nisso tudo o marinheiro, e nós e tudo isto aqui apenas um sonho dele?...

Vai acabar tudo... E de tudo isto fica, minha irmã, que só vos sois feliz, porque acreditais no sonho...(5)

E já não dizia Calderón de La Barca que la vida es sueño?...

E foi meditando sobre essas passagens de "O Marinheiro" que tomamos a liberdade de sugerir um subtítulo a essa obra de Pessoa: A POESIA DO SONHO, porque o autor empregou, deliberadamente, uma delicada, mas não menos vigorosa prosa poética na elaboração esmerada dos diálogos da peça, toda ela - e disso

temos firme convicção - uma síntese perfeita do permanente conflito pessoano entre a vida vivida e a vida sonhada; toda ela, um verdadeiro devaneio poético-filosófico, carregado de profunda intensidade dramática existencial.

De ponta a ponta, "O Marinheiro" transpira dramapoeticidade, resultado do esforço vital de um imortal Sonhador Português - "o poetodrama" (no dizer de José Augusto Seabra) (6) -, nascido Fernando Antonio Nogueira Pessoa.

N O T A S

- 1 - In: Poemas Dramáticos: de Fernando Pessoa. Lisboa, Ática, 1952. V.1. p. 25.
- 2 - Cartas de Fernando Pessoa a Armando Cortes Rodrigues, Lisboa, s/d, p. 68.
- 3 - In: Poemas Dramáticos: de Fernando Pessoa. Lisboa, Ática, 1952, V.1, p.35.
- 4 - HESSEL, Lothar. O teatro e o poético em "O Marinheiro", de Fernando Pessoa. In: Boletim do Gabinete Português de Leitura. Porto Alegre, dez. 1966.
- 5 - PESSOA, Fernando. Obra Poética. Org., Introd., notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguillar, 1976. p. 441-51.
- 6 - SEABRA, José Augusto. Fernando Pessoa ou O Poetodrama. São Paulo. Perspectiva, 1974.

BERND, Zilá

NEGRO, DE PERSONAGEM A AUTOR

A proposição do título deste painel, NEGRO, DE PERSONAGEM A AUTOR, foi realmente muito feliz, pois sintetiza a própria história do negro na literatura brasileira na qual o negro transitou de personagem secundário, reificado na figura de escravo, como salientou Oswald de Camargo, para personagem principal, apresentado muitas vezes de forma estereotipada, como nos livros de Jorge Amado, para finalmente ascender à condição de autor.

Desta forma, tenho o mais vivo interesse em participar como debatedora em um evento literário desta envergadura que, abandonando as abordagens tradicionais que buscam rastrear a imagem do negro na literatura brasileira, se propõe a evidenciar a parte desta história literária onde o negro assume a enunciação de seu próprio discurso dando-se a conhecer como sujeito e não mais como objeto, ou seja, como matéria-prima para a ficção.

Talvez seja oportuno, em primeiro lugar, reforçar a importância desta passagem, que se constitui num verdadeiro divisor de águas em nossa literatura, e, em segundo lugar trazer alguns exemplos desta nova fase inaugurada com a presença do negro como agente de seu discurso.

O Guarani, de José de ALENCAR (1857), constitui-se em um marco na literatura brasileira porque nesta obra o autor descreve de forma tão exemplar uma paisagem brasileira que, depois disto, nenhum outro autor ousou recorrer a imagens da realidade portuguesa, como se fizera até então, para escrever um romance no Brasil. Por isso, O Guarani é decisivo em nossas letras na medida em que impõe uma utilização dos recursos nacionais como elemento-chave da composição literária.

Seguindo esta linha de pensamento, observamos que o tema do negro sempre esteve presente na literatura brasileira, embora quase sempre de forma estereotipada. Que fatores serão determinantes desta ruptura a partir da qual se pode falar em literatura negra e não mais apenas em temática do negro e da

Doutora em Letras pela USP.

Professora Adjunta de Literatura do IL - UFRGS

Trabalho apresentado na IV Bienal Nestlé de Literatura, realizada em São Paulo de 4 a 8 de julho de 1988.